



Vol. 31, nº 4 (2025)

**TRILOGIA CUIABANA: A OSSATURA DO CERRADO NAS BATEIAS POÉTICAS DE
SILVA FREIRE**

**TRILOGÍA CUIABANA: LA OSAMENTA DEL CERRADO EN LAS BATEAS POÉTICAS
DE SILVA FREIRE**

Simoni Rodrigues dos Santos¹
Suzana Ferreira Dias de Assis²

Recebimento do Texto: 19/09/2025

Data de Aceite: 15/10/2025

Resumo: O presente artigo propõe uma análise da poética de Silva Freire, presente na *Trilogia Cuiabana*, intitulada *Ossatura da Cuiabania*, publicada em 2021 pela Editora Entrelinhas, em Cuiabá. Assim, busca-se contextualizar o projeto estético do autor e sua inserção nos movimentos literários do século XX, com destaque para o Concretismo e o Poema-Processo. Nesse contexto, discute-se os elementos simbólicos e expressivos presentes na *Trilogia Cuiabana*, ressaltando as relações entre forma e conteúdo, linguagem, cultura local e universal. Como metodologia, em um primeiro momento, a pesquisa contextualiza conceitos e abordagens que estabelecem um diálogo entre tradição e modernidade. Em um segundo momento, reconhece-se o delineamento das identidades cuiabanais que contribuíram para a conformação inicial das Vanguardas, do Concretismo e do Poema-Processo no Brasil. Por fim, analisa-se como corpus o poema “Cuiabá, ou a transição global de si mesma”, que, escrito e inscrito nas vértices das páginas, reveste a poesia silvafreriana com o “intenso visto” da cuiabania. Para tanto, a pesquisa dialoga com estudos críticos e teóricos que fundamentam questões essenciais, com autores como Campos (1969), Dias-Pino (1973), Candido (1981), Campos (1987), Eliot (1989), Borges (2000), Castrillon-Mendes (2019), Magalhães (2001, 2010), Pound (2006), Ramos (2011), Spinelli (2018), Mahon (2021), Freire (2021), entre outros. Os resultados obtidos apontam para uma profunda interconexão entre o experimentalismo formal de Silva Freire e a valorização da identidade cultural cuiabana. O poema analisado revela um diálogo dinâmico entre tradição e modernidade, por meio do uso de recursos visuais e textuais que refletem as complexidades da cultura regional.

Palavras-Chave: Silva Freire. *Trilogia Cuiabana*)*Ossatura da Cuiabania*(. Intensivismo. Poema-Processo.

Resumen: presente artículo propone un análisis de la poética de Silva Freire, presente en la *Trilogía Cuiabana*, titulada *Ossatura da Cuiabania*, publicada en 2021 por la Editorial Entrelinhas, en Cuiabá. Así, se busca contextualizar el proyecto estético del autor y su inserción en los movimientos literarios del siglo XX, con énfasis en el Concretismo y el Poema-Proceso. En este contexto, se discuten los elementos simbólicos y expresivos presentes en la *Trilogía Cuiabana*, destacando las relaciones entre forma y contenido, lenguaje, cultura local y universal. Como metodología, en un primer momento, la investigación contextualiza conceptos y enfoques que establecen un diálogo entre tradición y modernidad. En un segundo momento, se reconoce la configuración de las identidades cuiabanais que contribuyeron a la conformación inicial de las Vanguardias, el Concretismo y el Poema-Proceso en Brasil. Por último, se analiza como corpus el poema “Cuiabá, o la transición global de sí misma”, que, escrito e inscrito en los vértices de las páginas, reviste la poesía de Silva Freire con la “intensidad vista” de la cuiabania. Para ello, la investigación dialoga con estudios críticos y teóricos que fundamentan cuestiones esenciales, como los de Campos (1969), Dias-Pino (1973), Candido (1981), Campos (1987), Eliot (1989), Borges (2000), Castrillon-Mendes (2019), Magalhães (2001, 2010), Pound (2006), Ramos (2011), Spinelli (2018), Mahon (2021), Freire (2021), entre otros. Los resultados obtenidos apuntan a una profunda interconexión entre el experimentalismo formal de Silva Freire y la valorización de la identidad cultural cuiabana. El poema analizado revela un diálogo dinámico entre tradición y modernidad, a través del uso de recursos visuales y textuales que reflejan las complejidades de la cultura regional.

Palabras Clave: Silva Freire. *Trilogía Cuiabana*)*Ossatura da Cuiabania*(. Intensivismo. Poema-Proceso.

¹ Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT - PPGEL), possui uma formação acadêmica abrangente, com ênfase em áreas como: Língua Portuguesa e suas Literaturas, Língua Espanhola e suas Literaturas, além da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Obteve o título de Mestre em Estudos Literários pelo programa de pós-graduação Stricto-Sensu PPGEL-UNEMAT, em 2021, após concluir a graduação em Letras/Espanhol nas Faculdades Integradas de Diamantino (FID), em 2010. E-mail: simoni.rodrigues@unemat.br

² Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Mato Grosso. Mestre em Linguística da Língua Portuguesa pela Universidade Autônoma de Assunção (2007), revalidado pela Universidade Federal São Carlos (USFCAR). Possui graduação em Letras Anglo Portuguesas pela Faculdade Estadual de Filosofia Ciências Letras de Cornélio Procopio (1997) e bacharelado em ADMINISTRAÇÃO pela Universidade Federal de Mato Grosso (2010). E-mail: suzana.assis@unemat.br



1. Introdução

Diante de uma estrutura movediça, em que as mordças políticas atenuavam os dizeres de uma geração, um grupo mantinha vivos seus ideais, eclodidos na literatura, na música e em outras manifestações artísticas, em meados da década de 1940. O grupo de jovens intelectuais, poetas em sua maioria, trazia consigo a vivacidade fruto da tenra idade e a audácia em desbancar o estabelecido. Ao tendenciar trilhar novos caminhos, objetivavam mostrar aos grandes centros que, aqui, “no centro distante e esquecido do país”, havia sido criado algo novo, diferente e até precursor, que vislumbrava a arte, a música e uma literatura capaz de tencionar as fronteiras limítrofes que sempre marginalizaram a literatura produzida em Mato Grosso. Consolida-se, desse modo, o interesse em conhecer e divulgar o movimento de vanguarda internacional denominado Intensivismo (Campos, 2021).

De modo descontraído e até irônico, o que pode ser percebido na composição do nome desse grupo, denominado “Igrejinha”, uma referência de oposição à Igreja Tradicional Literária, que detinha, de forma hierárquica, “o bem pensante da época” (Freire, 2021, p. 46), iniciaram uma geração que movimentou e ressignificou a produção literária no Estado. Nomes como Wladimir Dias-Pino, Silva Freire, Dias da Cruz, José Lobo, Newton Alfredo, Ruben de Mendonça, Agenor Ferreira e outros.

Sobre isso, Mahon (2021) acrescenta que:

[...] inicialmente, os jovens escritores não se assumiam como sujeitos da literatura [...] O princípio que regeu esse novo tipo de ‘geração literária’ bem poderia ser tomado de empréstimo da ‘geração artística’[...] (Mahon, 2021, p. 44, grifos do autor).

Ligados à Universidade Federal de Mato Grosso, lançaram inúmeras publicações literárias e jornalísticas. Em detrimento disso, é importante ressaltar a contribuição das revistas e jornais impressos da época, que impulsionaram expressivamente os ideais desse grupo. Temos como exemplo a revista *Sarã*, *Sacy* e o jornal *Arauto da Juvenília*. O movimento intensivista, por sua vez, iniciado por Wladimir Dias-Pino e arregimentado pelo grupo, lançou raízes e, na mesma medida, abalou as estruturas enrijecidas da cultura literária do país.

Surge, então, de maneira tímida, uma geração de escritores e artistas que, às margens do rio Coxipó, entoavam e cantavam, em pinceladas antropofágicas, um olhar metaforizado do/no “sertão-cerrado”, em que a interação entre culturas deteriorava os rótulos bairristas que, por muito tempo, segregaram a produção literária em Mato Grosso. Desse modo, a



proximidade e o contato entre o nacional e o universal constituíram e legitimaram, ainda mais, o entendimento de identidade regional, determinado pelo pertencimento ao lugar, ao mesmo tempo que abraçavam as relações com outras identidades que fazem parte dessa cultura multiforme, resultante dos trânsitos dessa geração. Ou, ainda, de acordo com Candido (1981), a habilidade do escritor em tornar universal a sua experiência do que é o seu local.

A “Geração Coxipó”, assim denominada pelo crítico Eduardo Mahon (2021), passa a fomentar uma literatura que, a princípio, destaca a historiografia, com ênfase nos “elementos geográficos e humanos”. Em seu amadurecimento começaram a produzir coletivamente sobre um dilema do paradoxo humano, que medeia o bom o mau

[...] o riso e o segredo, o escárnio e a produção coletiva, a convivência e a resistência às ‘invasões bárbaras’ pontuam a produção dos autores que compuseram esse grupo multiforme [...] (Mahon, 2021, p. 45, grifos do autor).

Dentre esses autores e artistas, está o garimpeiro das palavras Benedito Sant’Ana da Silva Freire. Nascido no ano de 1928, no distrito de Mimoso, município de Santo Antônio do Leverger, Estado de Mato Grosso, o poeta e advogado foi professor da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, ocupante da cadeira 38 da Academia Mato-grossense de Letras e recebeu diversas homenagens ao longo da sua trajetória como escritor (Carvalho; Sabine, 2018). Tendo uma vasta contribuição tanto por sua produção literária quanto jornalística. Escritos esses, que aludem nas páginas o visto e o vivido de sua cuiabania. Para Carvalho e Sabine (2018):

Na obra de Silva Freire, abundam referências diretas à paisagem de Mato Grosso, à memória afetiva do poeta diante da Cuiabá de sua infância, às idiossincrasias culturais da região e ao homem que exerce atividades econômicas em distintos espaços das sociedades mato-grossenses, com destaque para a capital do estado e para zonas rurais do Cerrado [...] (Carvalho; Sabine, 2018, p. 34).

A paisagem mato-grossense é um elemento central na obra de Silva Freire, descrevendo de maneira detalhada as características geográficas, como a vegetação típica do Cerrado e o ribeirão. Elementos que medeiam a atmosfera identitária e cultural desse bioma. As descrições feitas pelo autor criam uma profunda conexão entre o poeta e a natureza mato-grossense. O “intenso visto”, característica marcante do Movimento Intensivista, é acentuado nas obras do autor, em especial na poesia, que estratifica, por meio dos versos “[...] a materialização dos (nossos) dramas, vividos ou vistos/sentidos. Intemporal, mas ao mesmo tempo, real; recriado pela observação/vivência do universo humano.” (Castrillon-Mendes, 2019, p.519). Estratos de um olhar metamorfoseado, resultado de um contato com o “centro



hegemônico”, ao se tornar “animador cultural no Jornal do Rio de Janeiro, quando dirigiu a revista *Movimento* e o *Teatro Universitário Brasileiro*, da UNE”, dentre outros jornais e revista importantes da época (Freire, 2021, p. 46). À vista disso, Campos (2008), reconhece que,

No Rio de Janeiro, buscando reunir o grupo de vanguarda, organizaram e lançaram Japa, que, além de aproveitar a maioria dos intelectuais novos em luta, fez a divulgação de um vocabulário regional que entrou na berlinda nacional e divulgou a cultura mato-grossense; e prepararam a exposição permanente de artes plásticas e coisas de Mato Grosso na “baiúca” da rua Correa Dutra, 72, no Catete, pensão que hospedava estudantes mato-grossenses e vizinha da Associação Mato-grossense de Estudantes Universitários (AME), desenvolvendo uma conexão entre Mato Grosso e Rio de Janeiro, na ocasião o maior centro cultural do país (Campos, 2008, p.3).

Silva Freire faleceu em 1991, deixando um legado plural, que medeia o Mato Grosso em suas miudezas, exaltado em palavras que cintilam grandezas, cuidadosamente “escritos”³, nas bateias-poemas do poeta garimpeiro que declara seu amor pela terra, por meio dos versos e estrofes não lineares, que “[...] desaguaram no polêmico e conturbado Poema-Processo [...] em que a imagística-verbal ou a verbal-imagística é terrivelmente enriquecedora tanto no campo visual quanto no campo das palavras[...]” (Freire, 2021, p.47).

Autor de *Meu Chão, Pássaro Implume, As Redes, Os Meninos de São Benedito, Águas de Visitação 1979* e a *Trilogia Cuiabana*, publicada em 1991, essa última contextualiza os poemas em análise, em especial o terceiro volume da trilogia publicado em 2021, pela editora Entrelinhas em Cuiabá, intitulada *Trilogia Cuiabana Jossatura da cuiabania*(. Livro que reúne poemas, contos e entrevistas que registram um amálgama do fazer poético silvafreiriano. Edição essa, especialmente pensada para ser lapidada nas mão havidas dos ourives⁴, que beberão direto na fonte, “o poeta dando de beber/ o tempo ao tempo...” (Spinelli; Cunha, 2021, p.9).

De acordo com Spinelli e Cunha (2021), esses escritos vestem a “[...] territorialidade com vanguarda e inovação, uma vez que trata da produção singular de uma poeta que participou das bases do Intensivismo” (Spinelli; Cunha, 2021, p. 9) e cooperou “[...]para a conformação inicial das vanguardas brasileiras do Concretismos e do Poema/Processo e que contribuiu para a literatura nacional por meio de um caminho próprio.” (Spinelli; Cunha, 2021, p.10).

³ Escrever: termo popularmente usado pelos garimpeiros, para selecionar os metais e pedras preciosas dos demais resíduos, não preciosos.

⁴ Ourives, aqui o termo foi utilizado de forma metafórica, para referirmos aos críticos e estudiosos das obras de Silva Freire.



A trilogia que se completa pelo terceiro volume resulta da insatisfação, resistências e (des)cobrimento das pulsões soterradas pela modernidade. Nas três edições é possível perceber um veio que entremeia a feitura das obras, que por fim são dissecadas nas vértices da *Ossatura da Cuiabania*(, que revela “o trabalho poético-amoroso-etnográfico no esforço de tirar do silêncio [...] e do abandono riqueza epistemologia do homem do sertão mato-grossense [...] Em outras palavras, ‘fidelidade telúrica’ [...]” (Silva Freire, 2021, p. 10 grifo do autor).

A hermeticidade plural e a inovação da obra silvafreiriana proporciona o favorecimento de novos estudos em potencial, devido a multiplicidade das formas poéticas que se entrelaçam entre letras e imagens, espaços calculados nas folhas para a disposição do poema que acentua a sintaxe visual:

[...] é importante frisar que no Brasil são utilizados diversos processos para a elaboração dos poemas visuais. Estes vão desde: o uso da fonte Futura Bold negrito e da antiga letra set (recurso utilizado por Augusto de Campos nos poemas coloridos [...] a holopoesia (por Augusto de Campos) até as mais variadas produções de poética visual atualmente produzidas em computador [...] (Ramos, 2011, p. 29).

A obra “Ossatura da Cuiabania”, publicada 30 anos após a morte de Silva Freire, é tecida em tons terrosos em contraste com o preto, entremeados por imagens com mesmos tons. Árvores, pássaros e pedras cangas de diferentes tamanhos e espessuras, que abdica de qualquer outro fazer ilustrativo como o faria Dias-Pino, não por desconsiderá-lo, mas para que o leitor tenha uma contato direto com o autor (Spinelli *et al*, 2021). Essa comunicação direta leva-nos a experimentar um momento de “festa visual”, que decorre da contemplação em que a construção da “imagística-verbal ou verbal-imagística”, são diluídas em uma obra marcada pelo tom irônico e pela leveza, que são traduzidas numa metalinguagem do fazer poético.

1. As vértices da poesia freiriana: tecidos crítico freireano

A poesia de Silva Freire retrata, de maneira poética, uma imersão no Cerrado. Nesse contexto, ao experienciar seus poemas vislumbramos, por meio dos versos, a artesanania das palavras-imagem que contextualizam as questões sociais e historiográficas de Mato Grosso. Para que pudéssemos adentrar nas veias-poemas inscritas e escritas por Silva Freire foi preciso, assim como o poeta garimpeiro das palavras, escavar, selecionar e reconhecer a riqueza de detalhes translúcidos, que emanam dos versos de seus poemas “uma poesia lírica, social, concreta e caleidoscopicamente metafórica” que trazem em seu bojo o “garimpo da infinitude” (Ramos, 2007, p.3).



Para tanto, é importante trazermos para o diálogo as concepções de teóricos e críticos que contextualizam elementos que contribuam para a análise em questão. Nesse sentido, ao reconhecermos as asperezas das pedras tão citadas, por Silva Freire, como ourives das palavras lapidaremos a poesia, não para transformá-la, mas para que sua forma e valor possa ser apreciada por todos/as.

E assim, Silva Freire e seus parceiros vão apresentando o cerrado de diamantes feitos de palavras, que lapidam à medida que o leitor vai decifrando os (des)códigos poéticos. É a palavra lapidada na ranhura do poema, que vai se encorpando, que vai intermediando à folia do manifesto. É como a bateia do garimpo, que seleciona as pedras certas e joga fora o brilho que não é de valor (Ramos. 2007, p.8).

Ao reconhecermos a dinâmica temporal, e as transformações e rupturas reconhecíveis pela nossa consciência crítica é possível inferir que, essa dinâmica nos torna sujeitos responsáveis por causar a ruptura entre tradição e modernidade. A ideia de modernidade é (re)significada, em detrimento do tempo, cultura, identidade e espaço e, isso, dá contornos novos ao que foi estabelecido, arregimentado e tido como modelo em um determinado cronotopo⁵. Isso se dá ao fato de não podermos pisar duas vezes na mesma modernidade (Berman, 1986; Adorno 1986), tornando-a essencialmente indefinível, difícil de apreender em que o único modelo fixo é a transitoriedade.

Nesse viés ao reconhecer o conceito de modernidade de (Paz, 1974; Friedrich, 1978), entendemos que, a modernidade é constituída a partir de uma contínua atualização do passado, ou seja, uma relação dialógica entre tradição e inovação. Posto isso, cada um dos ciclos vigentes estabelece ao mesmo tempo, uma ruptura e uma vinculação ao tempo passado. Nesse contexto, Candido (1981) destaca que, há uma continuidade no sistema literário e, neste ponto, condizemos que há uma transmissão de certos princípios estéticos de um movimento a outro, mas, a cada novo movimento, é possível encontrar a ruptura com a tradição.

Neste sentido, é conveniente destacar que foi sobre esses pilares de transitoriedade e inovação que as vanguardas literárias foram erguidas, a princípio, isso fez com que o movimento estabelecesse um vínculo com o próprio tempo, como meio de que os acontecimentos não fossem silenciados pela mordida da história.

Nesse ínterim, a projeção vanguardista é como uma (re)significação permanente da prática artística. Posto isso, ao entendermos que a ruptura acontece justamente pelo contato

⁵ Mikhail Bakhtin conceitua de “cronotopo” como a dinâmica intrínseca das relações temporais e espaciais que são artisticamente expressas na literatura. BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética**. São Paulo: Hucitec, 2002.



com o já “dito” que se torna intemporal, mas que ao ser significado em um dado tempo e espaço, o “dito”, não será mais o mesmo, tendenciosamente, muito do que se é construído/proclamado acaba por ser rapidamente apagado da memória literária. Desse modo, podemos deduzir que, o passado venha a ser modificado pelo presente, assim como o presente é orientado pelo passado (Campos, 1969; Eliot, 1989).

Nesse contexto, ao trazermos para o diálogo a poesia, no que tange às tendências modernistas, é salutar refletir sobre como ela toma para si num “universo próprio”. Pois ao poeta, cabe-lhe redescobrir as dimensões da palavra até então não pressentida. (Paz, 1974, p. 17). A partir de 1950, com o surgimento do movimento concretista e, por meio da poesia concreta, caracterizada por radicalismo morfológico e textual, exaltado pelas palavras, sons, imagens e as inúmeras maneira de construir e desconstruir os poemas,

[...] de forma que a palavra fez-se objeto, o texto fez-se matéria e nele se instalou a sintaxe combinatória. Além disso, a relação significante/significado estabelece-se em uma semântica outra já que na poesia concreta ocorre a espacialização dos signos verbais [...] (Ramos, 2011, p. 89).

A poesia passaria experimentar uma ruptura com a cadeia linear e abolição do verso tradicional. Essa configuração nova, tinha o intuito de dialogar com outras manifestações artísticas, metamorfoseando conteúdo e forma. Permitindo com isso, a decomposição da palavra, o uso de forma geométrica, como possibilidades múltiplas de leituras e sentidos. Essa forma inusitada de pensar e fazer poesia, ganhou expressividade com o movimento concretista impulsionado pelo grupo denominado *Noigandres*, que teve como precursores Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari e outros. Inspirados pelas invencionices de Mallarmé, que rompe com as estruturas tradicionais do poema, convertendo-o em uma tensão de palavras-coisas no espaço-tempo (Campos, 1969).

Nas décadas de 1950 a 1960, Pignatari e os irmãos Campos principiam um “Plano Piloto”, que foi publicado na obra *Teoria da Poesia Concreta* (1987), caracterizado como poema concreto. As adequações e modulações quanto a estrutura sintático-formal dos poemas simbolizam níveis elevados daquelas sensações e emoções corriqueiras. É o inédito a partir do previsível, uma representação da fuga da emoção. Tal consciência do passado deve ser desenvolvida pelo poeta, comungando a concepção de tempo-cíclico (Paz, 1974). O tempo enreda-se nos níveis de consciência e da essência humana que se polarizam na obra literária.

Esse percurso histórico, citado anteriormente, foi necessário para que pudéssemos estabelecer em quais bases teóricas e críticas pautaremos as análise que seguem, uma vez que



para reconhecemos a importância da obra poética de Silva Freire, precisamos nos situar nos possíveis diálogos presentes em sua obra. Com isso, passaremos a reconhecer como esse processo é integralizado à literatura produzida em Mato Grosso. Dessa forma, de acordo com Candido (1981), passaremos a compreender a literatura como um tecido de várias vozes ligadas por um elo comum.

Em Mato Grosso, ligados aos movimentos de vanguardas Modernistas no Brasil, surge o movimento Intensivista em Mato Grosso. Segundo Cristina Campos⁶, a maioria dos autores intensivistas provinha de uma tradição romântico-parnasiana e que, a partir do contato com Dias-Pino, alinharam-se à vanguarda e produziram poemas modernistas.

Antes mesmo da consolidação da poesia concreta no país, Dias-Pino, em 1951, Dias-Pino assina o Manifesto do Intensivismo, bem como foi responsável por fazer circular diferentes revistas que traziam o novo para os ideais literários da época. Com a dificuldade e inexistência de gráficas no estado, o próprio autor tornou-se organista e tipógrafo. Estudou no Rio de Janeiro, junto com Silva Freire e contavam com o grupo de intelectuais *Noigandres*, que tematizavam a poesia livre das estruturas formais, infelizmente os nomes de Dias-Pino e Silva Freire, por muito tempo, foram sufocados pela eminências de outros, que tiveram visibilidade nos “centros hegemônicos”. Ao retornar para Mato Grosso, deram início ao movimento Intensivista.

Estudos críticos publicados entre artigos, dissertações e teses produzidas nas universidades públicas brasileiras, acerca da poética de Wladimir Dias-Pino e Silva Freire, fomentam e embasam as propostas de análises da literatura contemporânea produzida em Mato Grosso. Em destaque a tese de Isaac Ramos: *Vanguardas poéticas em permanência: A revalidação de Wladimir Dias-Pino e Silva Freire* (2011) e *Poéticas do regionalismo na prosa de Silva Freire* (2011), de Epaminondas Magalhães, *Fidelidade telúrica de Silva Freire: poética em fluxo de colonial* (2018), de Larissa Silva Freire dentre outros.

Para adentrarmos as nuances poéticas de Silva Freire foi preciso reconhecer a luz de teóricos e críticos o percurso historiográfico da obra em análise e que subsidiassem, de forma temporal e espacial, elementos que dialogassem diretamente com as obras do autor. Em conformidade com Campos (2008):

⁶ Pesquisadora da obra de Wladimir Dias-Pino e organizadora da Biblioteca Digital do Intensivismo. Disponível em: www.intensivismo.com.br. Acesso em 11 de setembro de 2022.



Silva Freire é o maior poeta etnográfico mato-grossense, conhecido, por isso mesmo, como “poeta telúrico”. Tornou-se o grande parceiro de Wladimir em experimentações diversificadas, a ponto de serem apelidados de “Cosme e Damião”. Juntos, eles criaram o jornal *O Arauto*, cuja função inicial era de sondagem e que preparou lentamente o ambiente para a ‘Festa dos Novos’, na Academia Mato-grossense de Letras, um evento que se tornou marco decisivo na separação entre os jovens modernistas e os acadêmicos que, na época, produziam textos predominantemente romântico-parnasianos. Na Festa, foi lançado o Manifesto Intensivista, anunciando uma nova ordem literária que se colocava contra os dogmas do academicismo que reinava em Mato Grosso (Campos, 2008, p. 02).

Desse modo, passamos a reconhecer a expressividade da poética silvafreiriana, bem como sua genialidade ao trabalhar a sintaxe visual em seus poemas. Entre as características principais de sua sintaxe destaca-se:

[...] experimentação com a palavra e espacialização da página – ‘palavras-matrizes’ e a não preocupação com a continuidade temática (sucessão linear) como semântica lógico-discursiva, autonomia dos ‘blocos poemáticos’ com múltiplas direções de leitura (física das palavras), a proposição de funções no lugar de versos, o desprezo pelo sentido de estrutura e pelas conexões gramaticais, o espaço em branco da página passa a ser utilizado como suporte para direções e ligações permutáveis e não apenas suporte das letras, o que faz o poema ganhar funcionalidade e perder o sentido de representação, o poema como objeto e não expressando objeto [...] (Spinelli, 2018, p 19).

Nesse ínterim, Magalhães (2001, p.162) conclui que Silva Freire é um “autor experimental, sua arte desafia o bom tom e o conservadorismo da literatura clássica”. Um dos precursores da poesia construtiva e do Poema-Processo no Brasil. Em vista disso, Dias-Pino, (1971, p.5 *apud* Pereira, 2018, p. 409) ressalta que:

Os poetas do movimento do Poema-Processo (livres do sofisticado do heroísmo) têm a consciência das dificuldades de ser vanguarda e mais do que isso, sabem que ao dissociar a Poesia (estrutura) do Poema (processo), separaram, definitivamente, o que é língua de linguagem dentro da literatura (Dias-Pino, 1971, p.5 *apud* Pereira, 2018, p. 409).

O projeto estético de Silva Freire é intensificado pela disposição de elementos discursivos e de visualidade, conduzindo a verdadeiras invenções poéticas, em uma utilização premeditada do espaço que possibilita a semantização e funcionalidade lógica das palavras-imagens. Nesse cenário, Magalhães (2010), apresenta que:

As obras de Silva Freire apresentam elementos da territorialidade em que este nasceu e viveu: Cuiabá e Mato Grosso no geral, mas também foge dela ao criar teias discursivas e imagéticas que transpõem os limites territoriais. Freire constrói as identidades sob as identificações, dado que são múltiplas e mutáveis e se interpenetram (Magalhães, 2010, p.23).

Posto isso, o presente artigo perfaz uma investigação sobre a poética de Silva Freire e



as questões sociais que refletem a identidade nacional na obra “Ossatura da Cuiabania”. A trilogia é composta por três volumes interligados. Nessa obra, Silva Freire explora e resgata elementos históricos, sociais, culturais e geográficos que moldaram a essência de Cuiabá como um reflexo da identidade nacional brasileira. Por meio de uma linguagem poética sensível e de uma pesquisa minuciosa, o autor transmite a singularidade do lugar, sua gente e sua cultura.

Ao pensar-poetar-construir Cuiabá, Silva Freire constitui-se num crítico da cultura que sente, vive, vê e tem consciência da necessidade da modernização e do “progresso”, mas se opõe aos moldes devastadores de destruição do processo cultural que se intensificou pós-divisão do Estado de Mato Grosso” (Spinelli, 2018, p. 68).

O primeiro volume da trilogia é dedicado a uma imersão no passado, expondo a história da cidade desde suas origens indígenas, passando pelo período colonial até os dias atuais. O segundo volume aborda aspectos da vida cotidiana cuiabana, com ênfase nos costumes, tradições, crenças e eventos culturais que caracterizam a cidade.

Por fim, em “Ossatura da Cuiabanidade”, o terceiro volume, alcança seu ponto alto ao articular a essência da identidade nacional a partir da identidade local, e mostra como Cuiabá é um microcosmo do Brasil. Através de personagens, paisagens e acontecimentos marcantes, o autor demonstra como a cultura cuiabana se funde com a diversidade cultural brasileira e como ela pode ser vista como uma representação fiel do país em sua riqueza e complexidade.

Assim, a poética de Silva Freire na obra “Ossatura da Cuiabanidade” pode ser vista como uma reflexão profunda sobre a identidade nacional brasileira, apresentada através da lente específica da cidade de Cuiabá. Ao explorar a história, tradições e peculiaridades culturais da região, o autor oferece um olhar único e significativo sobre a essência do Brasil como um todo. Sendo a palavra “a expressão temática maior do poeta [...] Reconhece-se na obra de Silva Freire precisamente este inegável valor: o de transmitir, numa linguagem de vanguarda, a força da expressão de sua terra e de sua gente [...]” (Carvalho, 1989, n.p.).



2. A Lavra Do Cerrado: Palavras que ganham poesia nas *Bateias Poéticas* de Silva Freire

2.1 Entre a poeira da história e intenso vistos da poesia silvafreiriana.

Silva Freire, reconhecido como um dos expoentes do movimento intensivista e precursor do poema-processo no Brasil, revela em, por meio do poema: “Cuiabá, ou a transição global de si mesma” uma visão crítica e poética da transformação da capital mato-grossense. O poema, datado de 1970, é apresentado como uma simbólica homenagem à cidade, que expõe, além da vivência, o intenso visto do cerrado, ao evidenciar as mudanças culturais, históricas e sociais do lugar. A linguagem experimental e os versos fragmentados criam um espaço de tensão entre o passado e o presente; tradição e modernidade são transeuntes e estabelecem múltiplas camadas de significado.

O poema foi produzido na década de 70, um período marcado por profundas transformações sociais, políticas e econômicas no Brasil e no mundo. Compreender o contexto em que o poema foi “concebido” é importante para reconhecermos as camadas interpretativas da obra de Silva Freire. Pois, nessa época, o Brasil vivia sob a ditadura militar (1964–1985), um regime que censurou a liberdade de expressão, mas estimulava um intenso processo de modernização, marcado pelo chamado “milagre econômico brasileiro.” Ao mesmo tempo, o campo e as cidades do interior, como Cuiabá, enfrentavam o impacto da urbanização acelerada e das políticas desenvolvimentistas, muitas vezes em detrimento das tradições locais e da identidade cultural. E isso, é fortemente representado nas obras de Freire.

O “sertão-cerrado” cuiabano, enquanto espaço simbólico, tornou-se palco de tensões entre o “velho” e o “novo”. A cidade, impregnada de suas memórias ancestrais, começava a vivenciar mudanças que ameaçavam suas raízes. Silva Freire captura essa ambiguidade ao unir imagens de um passado bucólico e referências às “invasões bárbaras” (Mahon, 2021) transformação que a cidade enfrentava.

No plano internacional, o fim da década de 1960 trouxe os resquícios de movimentos de contracultura, contestação e mudanças nos paradigmas culturais e sociais. O “global” mencionado no título do poema “Cuiabá, ou a transição global de si mesma”, dialoga com esse cenário de conectividade e de influências externas que invadem os contextos locais.



Os ideais intensivistas, engendrados e gestados em Mato Grosso a partir de 1940, podem ser reconhecidos nos versos sivafreirianos, mesmo depois de mais de quatro décadas. As ambiguidades tensionadas entre tradição e modernidade ainda exteriorizam os enfrentamentos à estagnação e o atraso cultural, sem perder o brio que emana dos nascidos na terra.

2.2 O escrever palavras nas bateias poéticas de Silva Freire

A expertise combinatória na feitura poética de Silva Freire dialoga com a métrica proposta pelo movimento concretista no Brasil, que teve início oficial em 1956, com a “Exposição Nacional de Arte Concreta”, realizada em São Paulo e no Rio de Janeiro. É importante ressaltar que a estética incorporada no poema de Silva Freire, marcada pelo movimento do Intensivismo, que se iniciou em Mato Grosso uma década antes, foi infelizmente prejudicada pelo afastamento e apagamento cultural dessa região do país. Essa informação foi tendenciosamente “esquecida” da memória cultural e literária do Brasil.

O poema-processo é marca singular na/da escrita de Freire, pois ao recorrer a recursos gráficos, pontuações, a espacialização e a extensão da página em branco dão forma à poesia, e exteriorizam sentido ao poema. Os recuos, por exemplo, tensionam as pausas dramáticas e enfatizam a transição entre ideias, como se desenhassem o movimento lento da memória ou da reflexão. Isso pode ser inferido nos versos: “essas rugas do pretérito ainda ficarão pedalando / [...] / o sonho”. Esses espaços na página em branco criam um fluxo visual que reforça o caráter fragmentado das lembranças e da identidade cuiabana.

Os primeiros versos do poema alude a um lugar tanto na forma quanto no sentido. A imagem materializa imageticamente o mapa do estado de Mato Grosso. Podemos visualizar a imagem-poema assentada na página do livro: *TRILOGIA CUIABANA* *jossatura da cuiabania* (Freire, 2021, p. 217).



Vol. 31, nº 4 (2025)

**CUIABÁ,
OU A TRANSIÇÃO GLOBAL DE SI MESMA**

- 1 sangria de carne mineral gotejando meu pretexto de silencioso
aplauso
- 2 sacrário interior-temporal-desvirginado
mostrando a face revolvida ao sol rezando...
- 3 solução de saudades na transmutação noturnal do que foi
culto
tédio
e beijo
- 4 essas rugas do pretérito ainda ficarão pedalando
a espera
a busca
o sonho
- 5 um arrivista que vem de longe
vem suicidar-se na solidão horizontal do que ficou
plantando no “medo”, advertência de defesa
- 6 ouço um ranger de distâncias violentando cercanias
mexendo na cerca-viva
- 7 os que passam
os que passam por ti
por nós
sem temer respeito
pelos frutos secos
híbridos
crespos
caídos

Na primeira parte do poema, até o vigésimo quinto verso, a imagem criada remete ao mapa do estado, conectando a estrutura visual do território à linguagem poética. Silva Freire utiliza metáforas e elementos que evocam a geografia e as particularidades do lugar, como suas fronteiras e regiões, e sugere que o poema se desdobra como um mapa que delineia a identidade e a história de Mato Grosso. A alusão ao mapa e o espaço físico medeiam uma carga simbólica, que reflete as especificidades culturais e sociais da região. A poesia, assim, funciona como uma representação gráfica e sensível da realidade de Mato Grosso, conferindo-lhe uma dimensão poética e profunda.

No verso inicial, “sangria de carne mineral gotejando meu pretexto de silencioso / aplauso,”, podemos observar a personificação da cidade é representada como um corpo vivo, marcado pelo desgaste. O termo “carne mineral” remete à fusão entre o humano e o natural, que em mesma medida, pode ser interpretado como e de que maneira nossas riquezas eram devoradas pelo progresso. Ao sugerir que Cuiabá é um organismo composto por sua geografia-história-cultura. A “sangria” reflete o impacto das transformações sobre



essa identidade híbrida, enquanto o “silencioso aplauso” alude a uma contemplação melancólica diante das mudanças inevitáveis, da terra e dos nascidos nela.

A ideia de uma memória coletiva que resiste às transformações perpassa o poema. Temos como exemplo os versos: “sacrário interior-temporal-desvirginado” evocam um espaço sagrado e vulnerável, que expõe suas marcas ao sol — uma metáfora para a exposição de uma identidade histórica e cultural ao julgamento do presente.

Freire aborda o impacto do progresso por meio da figura do “arrivista que vem de longe” e do “ranger de distâncias violentando cercanias”. Aqui, o poeta denuncia a chegada de influências externas que ameaçam o equilíbrio local. O progresso é percebido como invasivo, uma força que desrespeita as “cercas-vivas” que delimitam a existência cultural cuiabana. Essa crítica é acentuada nos versos dedicados aos “que passam... sem temer respeito,” figuras que interagem superficialmente com Cuiabá, sem compreender ou valorizar sua complexidade.

O poema apresenta a cidade como um espaço que exige pertencimento, simbolizado pela “identidade inviolada.”. Para Freire, a verdadeira conexão com Cuiabá exige mais do que presença física: é preciso entender sua história, respeitar suas tradições e absorver sua essência o sentimento de pertença, que a cuiabania outorga aos chegados na terra.

Ao perguntar “por que morreram nossos maiores?”, o poeta dialoga com a ancestralidade, ao refletir sobre o papel dos antigos habitantes na formação da identidade da cidade. A resposta, “não, eles não morreram, recuam um pouco,” sugere que, embora silenciados pelo presente e pela relação de poder com os grandes centros, os valores e legados dos antepassados ainda influenciam a vida cuiabana. Essa relação simbiótica entre o passado e o presente reforça a resistência cultural em meio às mudanças.

Nesse ínterim, o autor ainda utiliza o termo “mastigar iconoclasta” para criticar a destruição simbólica de elementos culturais tradicionais. O “bulício popular” mencionado no poema traz à tona uma sociedade que, em meio ao caos, não negligenciou sua própria identidade. A “iconoclastia”, presente no poema, não é apenas a rejeição do passado, mas a quebra de símbolos que conectam Cuiabá a suas raízes. No entanto, o poema sugere que a cidade mantém-se sobrevivente, assim como as árvores do cerrado, que são maculadas pelo fogo do progresso e, mesmo com chuvas tímidas, florescem, como indica o verso “a chuva ficou dormindo na fecunda interioridade.”



O poema culmina em imagens ligadas à natureza, como “a praia, a canoa, a curva do rio,” que representam a simplicidade e a intemporalidade da vida ribeirinha. A figura do “homem: / invenção de peixe” simboliza a integração do homem com o ambiente, e reforça a ideia de que a identidade cuiabana está profundamente enraizada na relação com o território.

Os versos que seguem tensionam palavras, orquestradas numericamente a cada estrofe, apontando o movimento das margens ao centro da página, que se recusam a ser pontuadas e que raramente são antecedidas por travessão, dando-lhes a outorga da fala. As vírgulas, em lugar de explicações, expressam a indignação, e os pontos de exclamação conferem aos versos a verossimilhança dos acontecimentos.

fiscais do que passou sem jeito
sem passos de marcar em nossas vidas
passam
passaram distraídos, não ficaram, que,
para ficar, há de vestir primeiro a identidade
inviolada
de que se forma o sobrecéu da imagem cuiabana
8 por que morreram nossos maiores?
— não, eles não morreram, recuam um pouco, palidecidos
ante a azáfama desses chegantes arremetidos
9 essas taipas
lençóis de histórias
reclinando despedidas
ou ingênua síntese de missal teimoso
protesto em pose única
-hífen-hífen
10 que preguiça térmica, no bulício popular...!
— ouço mastigar iconoclasta
pérfido
iconoclasta
11 infixa expressão de canto-de-rua-escura
— ventosa que colhe o grito
grito que fere a lâmina na mornidão
do berço em que se deita o homem...
12 pois a chuva ficou dormindo na fecunda interioridade
semeando no âmago da terra cuiabana
13 a praia
canoa
curva do rio
noite luarenta
um homem:
— invenção de peixe,
amanhecendo o dia cuiabano...
14 minhas árvores acordam tarde.
— porque, assim, tão tarde?
— à noite elas tecem o sossego dos homens
que trabalham por Cuiabá!



Os travessões surgem e atropelam o vazio da página em momentos de tensões e questionamentos como representados nos versos: [...] 8 por que morreram nossos maiores? /__ não, eles não morreram, recuam um pouco, palidecidos / ante a azáfama desses chegantes arremetidos [...] (Freira, 2021, p. 218). Nos versos são reveladas as interrupções ou vozes em contraste. Em uma camada mais profunda de análise podemos inferir a ambiguidade entre tradição e modernidade, como em “-hífen-hífen”, que sugere continuidade e ruptura ao mesmo tempo. Eles remetem ao que é dito e ao que fica subentendido, evocando um protesto contido.

Nesse viés ao inferimos nos versos a incidências das reticências, podemos reconhecer uma sensação de incompletude e melancolia, que estão presentes para marcar o não-dito, o que ainda resiste à transformação ou o que se perdeu na memória coletiva. Por exemplo: “que preguiça térmica, no bulício popular...!” O ponto de exclamação é evocado de forma pontual, como em “que preguiça térmica, no bulício popular...!” ou “que trabalham por Cuiabá!”, rompem a monotonia reflexiva e confere uma tonalidade irônica ou um grito contido em meio à passividade.

2.3 A imagem-memória nos versos (in)dissolutos do garimpeiro das palavras

O poema transita entre tempos, evoca a memória de um passado que ainda pulsa e as incertezas de um futuro marcado pela globalização e pelo progresso. Cuiabá emerge como símbolo da transição, onde as tradições lutam para sobreviver às mudanças impostas por uma modernidade inevitável. O poema medeia imagetivamente imagens-poéticas como em: “sangria de carne mineral” e “ventosa que colhe o grito”, que exteriorizam a violência dessas mudanças, a exploração das riquezas, advinda do extrativismo: uma Cuiabá que se reinventa, mas à custa de feridas profundas. Os “que passam distraídos” representam a indiferença contemporânea perante as raízes históricas e culturais vibrantes e latentes da cidade, que sequestram suas riquezas, sugam os leitos dos rios e vão embora empanturrados das nossas riquezas, mas em contrapartida atravessam a nossa a nossa cultura que já não é mais a mesma.



O cerrado sobrevivente, atravessado pelo progresso retarda o acordar da chuva e o renascer das árvores, que nos versos são apresentados em estado de dormência: “ficou dormindo” e as árvores que “acordam tarde”. Silva Freire, com sua linguagem inventiva e suas provocações gráficas, apresenta uma reflexão poética sobre a identidade cuiabana e sua relação com o global, não somos margem, somos rio que alimenta e deságua no grande oceano. A obra é uma crítica e um elogio à transição, que denuncia os apagamentos, valoriza a memória e a resistência de um povo que tece, mesmo em silêncio, a história de sua terra.

“*Cuiabá, ou a transição global de si mesma*” é um poema multifacetado que transcende uma descrição superficial da cidade. Silva Freire constrói um poema crítico, que explora as camadas históricas, culturais e naturais de Cuiabá, enquanto denuncia os impactos da modernidade e exalta a resistência de sua identidade. Combina elementos do poema-processo e do intensivismo, o poeta transforma Cuiabá em um símbolo de memória, transformação e continuidade, ao refletir os dilemas universais das cidades que enfrentam o choque entre tradição e progresso.

3. Considerações Finais

O presente estudo dedicou-se a uma análise crítica das obras de Silva Freire, com foco no terceiro e último livro da *Trilogia Cuiabana*, intitulado *Ossatura da Cuiabania*, especialmente no poema “Cuiabá, ou a transição global de si mesma”. Ressaltou-se a importância de uma investigação mais profunda sobre a obra de Silva Freire, frequentemente negligenciada nos estudos literários brasileiros. Neste contexto, delineamos a fortuna crítica do autor e identificamos o enquadramento historiográfico que moldou sua escrita e sua poesia. Embora as primeiras edições da trilogia já tenham sido objeto de análise crítica, *Ossatura da Cuiabania* ainda não havia sido explorada de maneira tão próxima ao leitor, conferindo ao presente estudo um caráter dialógico.

Um dos principais objetivos deste trabalho foi destacar a investigação de um autor mato-grossense, bem como reconhecer sua significativa contribuição para a expansão da literatura de Mato Grosso. Ao abordar sua obra, procuramos evidenciar a importância de Silva Freire no movimento Intensivista no Brasil, ressaltando sua participação na consolidação desse movimento literário. Para tanto, adotamos como critério de análise a revisão da trajetória vanguardista da poesia brasileira, incluindo os movimentos do



Concretismo, Intensivismo e o Poema-Processo, que dialogam diretamente com a poética de Freire.

Assim, buscamos compreender o projeto estético que permeia a trilogia, especialmente ao analisar como a obra e a poesia se entrelaçam para revelar “a anatomia do povo”. A ação poética, como aponta Freire (2021), é vivida como um corpo em trânsito pela cidade, que simboliza o presente e a contemporaneidade, e oferece ao leitor múltiplas possibilidades interpretativas. A obra analisada está profundamente influenciada pelas proposições concretistas, pois explora as dimensões semânticas das estruturas espaço-temporais, visuais, lexicais e sonoras, além de explorar a geometrização e a recomposição metalinguística.

Portanto, este estudo buscou ser um espaço de valorização e divulgação das joias literárias de Silva Freire, o “poeta-garimpeiro das palavras”, que, com maestria, criou e ressignificou as imagens-palavras no “sertão-cerrado”. Essas poesias, elaboradas e selecionadas ao longo do tempo, são preciosas não para ornamentar prateleiras ou adornar mãos, mas para revelar um fazer e uma terra que, à margem de um grande rio, pulsando na construção de um imaginário literário autêntico e indispensável para a literatura brasileira.

Referências

ADORNO, T. W.. **O ensaio como forma**. In G. C. (Org.) Sociologia: Adorno. São Paulo: Ática, 1986.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BORGES, Jorge Luis. **Esse ofício do verso**. Trad. José Marcos Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CAMPOS, Maria Cristina de Aguiar. A Valorização da Cultura Cuiabana na Prosa de Silva Freire. **XI Congresso Internacional da ABRALIC**, USP – São Paulo, Brasil. 13 a 17 de julho de 2008. Disponível em: http://www.casasilvafreire.org.br/uploads/Artigo-Cristina-Campos_Silva-Freire.pdf. Acesso em 09 de setembro de 2023.

CAMPOS, Haroldo de. **A arte no horizonte do provável e outros ensaios**. São Paulo: Perspectiva, 1969.

CAMPOS, Augusto de; PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo de. **Teoria da Poesia Concreta**: Textos Críticos e Manifestos 1950-1960. 1965. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CAMPOS, Cristina. **Biblioteca do Intensivismo**, 2021-2022. Disponível em: <https://www.intensivismo.com.br/>. Acesso em: 22 de junho de 2023.



CANDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira**: momentos decisivos. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

CASTRILLON-MENDES, O. M. O conto, o cânone e suas fronteiras: uma abordagem em Mato Grosso, Brasil. **Forma Breve**, Aveiro, n.º 14, p. 511-523, 2019. Disponível em: <https://proa.ua.pt/index.php/formabreve/article/view/445>. Acesso em: 14 março. 2023.

CASA SILVA FREIRE. **O poeta - Silva Freire**. Cuiabá, 2023. Disponível em: <http://www.casasilvafreire.org.br/o-poeta/index.asp?id=2&item=obra-literaria>. Acesso em: 08 de setembro de 2023.

CARVALHO, Carlos Gomes de. Uma escritura telúrica. IN: FREIRE, Silva. **Barroco Branco**. Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso- ED. Amazônica, 1989.v. 1 e 2.

DIAS-PINO, Wladimir. **Processo**: linguagem e comunicação. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

ELIOT, Thomas Stearns. **Tradição e Talento Individual**. In: *Ensaio*s. Trad. e int. Ivan Junqueira. São Paulo: Art Editora, 1989.

FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da Lírica Moderna** (da metade do século XIX a meados do século XX). São Paulo: Duas Cidades, 1978.

FREIRE, Silva. **Trilogia Cuiabana**: ossatura da cuiabania. Org. SPINELLI *et al.* Cuiabá. Entrelinhas, 2021.

MAHON, Eduardo. **A literatura contemporânea em Mato Grosso**. 1ª ed. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2021.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. **História da literatura de Mato Grosso**: século XX. Coleção Tibanaré Cuiabá: UNICEN, 2001.

MAGALHÃES, Epaminondas de Matos. Poético do regionalismo na prosa de Silva Freire. **Dissertação de Mestrado**. Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT Instituto de Linguagens - IL, Cuiabá 2010. Disponível em: <http://www.casasilvafreire.org.br/uploads/Dissertacao-sobre-Silva-Freire.pdf>. Acesso em: 10 de setembro de 2023.

PAZ, Octavio. **Os filhos do barro**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1974.

PEREIRA, V. C. Silva Freire e a poética das palavras-matrizes: ressonâncias do Poema//Processo. **Signótica**, Goiânia, v. 30, n. 3, p. 474-498, jul./set. 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6541412.pdf>. Acesso em: 16 de setembro de 2023.

POUND, Ezra. **ABC da literatura**. Trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. 11. Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

RAMOS, Isaac. Vanguardas poéticas em permanência: A revalidação de Wladimir Dias-Pino e Silva Freire. **Tese de Doutorado**. São Paulo: USP, 2011. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-04052012-090630/publico/2011_IssacNewtonAlmeidaRamos_VOrig.pdf. Acesso em: 09 de setembro de 2023.

RAMOS, Isaac. Silva Freire: Um garimpeiro de palavras. **Revista Crioula**, nº 2, 2007.



Vol. 31, nº 4 (2025)

Disponível em: [http://www.casasilvafreire.org.br/uploads/Artigo-IsaacNewton_Silva-Freire\(1\).pdf](http://www.casasilvafreire.org.br/uploads/Artigo-IsaacNewton_Silva-Freire(1).pdf). Acesso em 09 de setembro de 2023.

SPINELLI, Larissa Silva Freire et al. In: FREIRE, Silva. **Trilogia Cuiabana**: ossatura da cuiabana. Org. SPINELLI *et al.* Cuiabá. Entrelinhas, 2021.

SPINELLI, Larissa Silva Freire. A Fidelidade Telúrica de Silva Freire: poética em fluxo decolonial. **Tese de Doutorado**, Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Faculdade de Comunicação e Arte, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, Cuiabá, 2018. Disponível em: https://ri.ufmt.br/bitstream/1/2118/1/TESE_2018_Larissa%20Silva%20Freire%20Spinelli.pdf. Acesso em: 09 de setembro de 2023.